

Tradução
Clístenes Hafner Fernandes



Hugo Parisiensis de
Modo Discendi et Meditandi



Hugo de São Vítor sobre o
modo de aprender e de estudar

(PL 176 0877)

Edição Bilíngue Latim-Português

Tradução
Clístenes Hafner Fernandes

Hugo Parisiensis de
Modo Discendi et Meditandi



Hugo de São Vítor sobre o
modo de aprender e de estudar

(PL 176 0877)

Edição Bilíngue Latim-Português



1. Humilitas discere volenti necessaria.

Principium discendi humilitas est, cuius cum multa sunt documenta, haec tria praecipue ad lectorem pertinent. Primum ut nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat. Secundum ut a nemine discere erubescat. Tertium ut cum scientiam adeptus fuerit, caeteros non spernat. Multos hoc decepit quod ante tempus sapientes videri volunt, et ideo ab aliis quod nesciunt discere erubescunt. Tu vero, fili, ab omnibus libenter disce quod nescis. Sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris. Qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt. Nullam denique scientiam vilem teneas, quia omnis scientia bona est. Nullam, si vacat, Scripturam vel saltem legem contemnas. Si nihil lucraris, nec perdis aliquid. Apostolus enim ait: « Omnia legentes, quae bona sunt tenentes (I Thess. V. XXI). » Bonus lector humilis debet esse et mansuetus, a curis saecularibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, et sedulus ut ab omnibus libenter discat. Nunquam de scientia sua praesumat, non videri doctus, sed esse quaerat, dicta sapientium quaerat, et semper coram oculis mentis quasi speculum vultus sui tenere ardenter studeat.

0877B



1. A Humildade é necessária a quem quer aprender

O princípio do aprendizado é a humildade, e muita coisa tem sido escrita sobre ela.

Há três coisas endereçadas ao estudante. Primeira: não tenhas como vil nenhuma ciência e nada que tenha sido escrito; segunda: não te envergonhes de aprender com qualquer pessoa; terceira: quando possuíres ciência, não desprezes quem não a tem.

Há muitos que erram por precocemente quererem parecer sábios e por isto têm vergonha de aprender o que não sabem com os outros. Tu, meu filho, aprende com boa vontade de todos tudo aquilo que não sabes. Serás assim o mais sábio de todos, se buscares aprender de todos.

Não tenhas por vil a nenhuma ciência, porque toda ciência é boa. Não desprezes nada do que já foi escrito, ou, pelo menos, nenhuma lei que estiver à disposição. Se não ganhares nada com isso, pelo menos não perderás nada.

Diz o Apóstolo: “Omnia legentes, quae bona sunt tenentes”. (I Tess. V. XXI)

O bom leitor deve ser humilde e manso, de todo alheio às preocupações mundanas e às tentações do prazer, e dedicado a aprender de todos com boa vontade. Não tenhas tua ciência em alta conta; não queiras parecer erudito, mas sé erudito de fato. Conhece as sentenças dos sábios, e procura ter sempre os seus exemplos diante dos olhos da mente, como em um espelho.





2. Studendi tria necessaria.

Tria sunt studentibus necessaria, natura, exercitium, disciplina. In natura consideratur ut facile audita percipiat, et percepta firmiter retineat. In exercitio, ut labore et sedulitate naturalem sensum excolat. In disciplina, ut laudabiliter vivens mores cum scientia componat.



3. Ingenio et memoria polleat

Qui doctrinae operam dant, ingenio simul et memoria pollere debent. Quae duo in omni studio ita sibi cohaerent, ut si alterum desit, neminem alterum ad perfectionem ducere possit, sicut nulla prodesse possunt lucra, ubi deest custodia; et incassum receptacula munit, qui quod recondat non habuit.



2. Três coisas necessárias a quem estuda

Três coisas são necessárias ao estudante: a natureza, o exercício e a disciplina. É preciso que, por sua natureza, ele perceba facilmente o que ouviu e retenha definitivamente o que percebeu. É preciso que, pelo exercício, cultive a tendência natural ao trabalho diligente. É preciso que, pela disciplina, viva de forma louvável, e ajunte os costumes à ciência.



3. Ter em alta conta o engenho e a memória

Quem se dedica aos estudos deve primar pelo engenho e pela memória ao mesmo tempo, pois eles estão unidos entre si em todo estudo, de maneira que se um faltar, o outro não levará ninguém à perfeição, da mesma forma como ninguém aproveita suas riquezas se não houver quem as guarde; e de nada adianta construir cofres quando não se tem o que neles guardar.





4. Ingenium est vis quaedam naturaliter animo insita per se valens. Memoria est rerum et verborum et sententiarum ac sensuum firmissima animivelmentis perceptio. Ingenium invenit, memoria custodit. Ingenium a natura proficiscitur, usu juvatur, immoderato labore retunditur, et temperato acuitur exercitio. Memoria per exercitum retinendi et assidue meditandi maxime juvatur et viget. Duo sunt quae ingenium excent, lectio et meditatio. Lectio est cum ex his quae scripta sunt, regulis et praceptis informamur. Item lectio est per subjectam sensus investigatio. Trimodum est genus lectionis, docentis, discentis, vel per se insipientis. Dicimus enim, lego librum illi, et lego librum ab illo, et lego librum.

4. O engenho é uma força naturalmente presente na alma que vale por si só. A memória é a percepção mais firme, por parte da alma ou da mente, das coisas, das palavras, das frases e dos significados. O que o engenho descobre, a memória guarda. O engenho vem da natureza, é auxiliado pela prática, é estafado pelo trabalho sem moderação e aprimorado pelo exercício com moderação. O exercício de memorizar e de meditar continuamente é o melhor auxílio e o que dá mais segurança à memória. Há duas coisas que exercitam o engenho: a leitura e a meditação.

Mediante as regras e os preceitos da leitura, somos educados pelas coisas escritas. A leitura é também uma investigação do sentido por uma alma disciplinada. Há três gêneros de leitura: a leitura daquele que ensina, a daquele que aprende e a daquele que estuda por si mesmo. É por isso que dizemos “Leio o livro ao aluno”, “leio o livro a partir do professor”, ou simplesmente “leio o livro”.¹



¹ A escassez de livros antes da invenção da imprensa fazia com que existisse a necessidade de um professor ou lente para ler obras inteiras em voz alta e as explicar. De outra forma, não haveria como todos vencerem as leituras propostas em currículo, já que na maioria das escolas era raro haver mais de um exemplar da mesma obra.



5. De meditatione.

Meditatio est frequens cogitatio cum consilio, quae causam et originem, modum et utilitatem uniuscujusque rei prudenter investigat. Meditatio principium sumit a lectione, nullis tamen struitur regulis aut praeceps lectionis. Delectatur enim quodam aperto discurrere spatio, ubi liberam contemplandae veritati aciem affigat; et nunc has, nunc illas rerum causas perstringere, nunc autem profunda quaeque penetrare, nihil anceps, nihil obscurum relinquere. Principium ergo doctrinae est in lectione, consummatio in meditatione. Quam si quis familiarius amare didicerit, eique saepius vacare voluerit, jucundam valde reddit vitam, et maximam in tribulatione praestat consolationem. Ea enim maxime est quae animam a terrenorum actuum strepitu segregat, et in hac vita etiam aeternae quietis dulcedine, quodammodo praegustare facit. Cumque jam per ea quae facta sunt, eum qui fecit quaerere didicerit et intelligere, tunc animam pariter et scientia erudit et laetitia profundit: unde fit ut maximum in meditatione sit oblectamentum.



5. Sobre a meditação

Meditar é pensar frequentemente nas idéias e investigar com prudência as causas e as origens, o modo e a utilidade de cada uma das coisas. O princípio da meditação é a leitura. Mas a meditação não é realizada pelas regras ou preceitos da leitura. Na meditação, apraz-nos discorrer por um tipo de espaço aberto, no qual focamos na verdade para contemplá-la, admirando ora uma, ora outra daquelas causas, e penetrarmos no que nelas há de mais profundo buscando não deixar espaço para a dúvida ou para a obscuridade.

Portanto, o princípio do conhecimento está na leitura e o seu fim é a meditação. Quem amar intimamente a meditação e se dedicar a ela com frequência, terá uma vida muito agradável e na tribulação receberá maiores consolações. A meditação, mais do que qualquer outra coisa, é o que mais afasta a alma do barulho dos atos terrenos; por sua doce tranquilidade já nos oferece de algum modo um gosto antecipado da eterna ainda nesta vida terrena; faz-nos buscar e entender o criador a partir das criaturas, ensina a alma pela ciência e aumenta a alegria, faz com que encontremos o maior de todos os deleites.



6. Meditationis tria genera.

Tria sunt genera meditationis. Unum constat in circumspectione morum, aliud in scrutatione mandatorum, tertium in investigatione divinorum operum. Mores sunt in vitiis et virtutibus. Mandatum divinum aliud praecipiens, aliud promittens, aliud terrens. Opus Dei est et quod creat potentia, et quod moderatur sapientia, et quod cooperatur gratia. Quae omnia quanta sint admiratione digna tanto magis quisque novit, quanto attentius Dei mirabilia meditari consuevit.



7. Memoriae commendanda quae sumus edocti.

Memoria colligendo custodit ea quae ingenium investigat et invenit. Oportet enim ut quae discendo divisimus, commendanda memoriae colligamus. Colligere est ea de quibus prolixius vel scriptum vel disputatum est ad brevem quamdam et compendiosam summam redigere; quae a majoribus epilogus, id est brevis recapitulatio supradictorum appellata est. Memoria enim hominis brevitate gaudet, et si in multa dividitur fit minor in singulis. Debemus ergo in omni studio vel doctrina breve aliquid et certum colligere, quod in arcu memoriae recondatur, unde postmodum cum res exigit aliqua deriventur. Haec etiam saepe replicare et de ventre memoriae ad palatum revocare necesse est, ne longa intermissione obsoleat.

6. Os três gêneros de meditação

Há três gêneros de meditação. O primeiro é exame dos costumes, o segundo é a indagação dos mandamentos, o terceiro é a investigação da criação. Quanto aos costumes a meditação discerne os vícios e as virtudes. Quanto aos mandamentos de Deus, vê-se os que são preceitos, os que são prometem, os que admonestam. Quanto às obras de Deus, vê-se as obras criadas pelo poder divino, as obras da sabedoria divina, as obras operadas pela graça. Mais conhecerá estas obras quanto mais dignas de admiração elas forem e quanto maior for o hábito atento de meditar as maravilhas de Deus.



7. Guardar na memória aquilo que se aprende

A memória recolhe e guarda tudo o que o engenho busca e encontra. É importante que as coisas que divisamos quando aprendemos sejam entregues à memória. Entregar à memória é resumir em uma breve suma tudo aquilo que foi lido e meditado de forma mais ampla; aquilo que os antigos chamavam de epílogo, ou seja, uma recapitulação suscinta do que foi dito.

Apraz-se a memória humana com a brevidade, e quando é dividida em muitas partes, ela se torna menor em cada uma delas. É por isso que devemos, em todos os estudos, entregar à memória de forma breve tudo aquilo que for certo; devemos guardar na arca da memória para que, se necessário, possamos dali retirar. Também é necessário revirar as coisas que estão na memória com frequência e chamá-las à consciência para que não fiquem obsoletas pela longa espera.



8. Animae rationali tres visiones. Meditationis et contemplationis discrimen.

Tres sunt animae rationalis visiones. Cogitatio, meditatio et contemplatio. Cogitatio est cum mens notione rerum transitorie tangitur, cum ipsa res sua imagine animo subito praesentatur, vel per sensum ingrediens, vel a memoria exsurgens. Meditatio est assidua ac sagax retractatio cogitationis, aliquid obscurum explicare nitens, vel scrutans penetrare occultum. Contemplatio est perspicax et liber animi intuitus in res perspiciendas usquequaque diffusas. Inter meditationem et contemplationem hoc interesse videtur, quod meditatio semper est de rebus a nostra intelligentia occultis; contemplatio vero de rebus vel secundum suam naturam vel secundum capacitatem nostram manifestis; et quod meditatio semper circa unum aliquid rimandum occupatur; contemplatio autem ad multa vel etiam ad universa comprehendenda diffunditur. Meditatio itaque est vis quaedam mentis curiosa ac sagax obscura investigare et perplexa evolvere. Contemplatio est vivacitas illa intelligentiae, quae cuncta in palam habens manifesta visione comprehendit, et ita quodammodo id quod meditatio quaerit, contemplatio possidet.



8. Três visões da alma racional. Diferença entre a meditação e a contemplação

Na alma racional há três visões: o pensamento, a meditação e a contemplação.

O pensamento é quando a noção de algo toca a mente de forma transitória; é quando a coisa em si se apresenta à alma através de sua imagem, tanto ao entrar pelos sentidos, quanto ao brotar da memória.

A meditação é reconduzir frequentemente o pensamento ao nos esforçarmos para explicar algo obscuro ou buscarmos penetrar no que há de oculto.

A contemplação é a visão minuciosa que a alma pode ter quando está livre da dispersão.

A diferença relevante entre a meditação e a contemplação é que a meditação sempre trata das coisas ocultadas ao nosso entendimento. E a contemplação é sempre sobre as coisas que se manifestam segundo a sua natureza ou segundo a nossa capacidade. Também a meditação busca alguma coisa única, enquanto que a contemplação se amplia na compreensão de muitas coisas ou de todas as coisas.

Sendo assim, a meditação é quando a mente vaga com curiosidade, uma busca sagaz do que é obscuro, um desatar do que é embarulado. A contemplação é uma vivacidade da inteligência que abarca todas as coisas numa visão plenamente manifestada, de tal forma que o que a meditação busca, a contemplação possui.



9. Contemplationis duo genera.

Contemplationis autem duo genera sunt, unum quod et primum est et incipientium in creaturarum consideratione, aliud quod ultimum et perfectorum est in contemplatione Creatoris. In Proverbiis Salomon quasi meditando incessit, in Ecclesiaste ad primum gradum contemplationis ascendit, in Canticis canticorum ad supremum se transtulit. Ut igitur tria his propriis vocabulis distinguamus, prima est meditatio, secunda est speculatio, tertia est contemplatio. In meditatione mentem pia devotione succensam perturbatio carnalium passionum importune exsurgens obnubilat; in speculatione novitas insolitae visionis in admiratione sublevat; in contemplatione mirae dulcedinis gustus totam in gaudium et jucunditatem commutat. Igitur in meditatione est sollicitudo, in speculatione admiratio, in contemplatione dulcedo.



10. Tria in expositione.

Expositio tria continet, litteram, sensum, sententiam. Littera est congrua ordinatio dictionum, quam etiam constructionem vocamus. Sensus est facilis quaedam et apta figuratio, quam littera prima fronde praefert. Sententia est profundior intelligentia, quae nisi expositione vel interpretatione non invenitur. In his ordo ut primum littera, deinde sensus, postea sententia requiratur: quo facto, perfecta est expositio.

0879D

9. Os dois gêneros de contemplação

Mas há dois gêneros de contemplação.

O primeiro pertence aos principiantes que consideram as criaturas. O segundo e o último pertence aos perfeitos, que contemplam o Criador.

No livro dos Provérbios, Salomão começa meditando; no Eclesiastes ergue-se ao primeiro grau da contemplação; e, por fim, no Cântico dos Cânticos, transporta-se ao grau supremo.

Para que possamos distinguir estas três coisas com seus nomes adequados, diremos que a primeira é meditação; a segunda, especulação; a terceira, contemplação.

Nameditação a perturbação das paixões carnais surge para obscurecer a mente inflamada de piedosa devoção; na especulação a novidade da insólita visão a levanta à admiração; na contemplação o gosto de uma extraordinária doçura a transforma toda em alegria e contentamento. Portanto, na meditação temos solicitude; na especulação, admiração; na contemplação, doçura.



10. As três partes da exposição

A exposição contém três partes: a letra, o sentido e a sentença. A letra é a correta ordenação das palavras e que chamamos também de construção. O sentido é um delineamento simples e adequado que a letra tem diante de si como uma primeira impressão. A sentença é uma inteligência mais profunda que não pode ser encontrada a não ser pela exposição ou interpretação. Para que uma exposição se torne perfeita, precisa-se primeiramente da letra, depois do sentido e por último da sentença.



11. Vanitatum tria genera.

Tria sunt genera vanitatum, prima est vanitas mutabilitatis quae omnibus rebus caducis inest per conditionem. Secunda est vanitas curiositatis vel cupiditatis, quae mentibus hominum inest per rerum transientium et vanarum inordinatam dilectionem. Tertia est vanitas mortalitatis, quae corporibus humanis inest per poenitatem.

11. Os três gêneros de vaidades

Há três gêneros de vaidades. O primeiro é a vaidade da mutabilidade, que está em todas as coisas perecíveis por sua própria condição. O segundo é a vaidade da curiosidade ou da cobiça, que está na mente dos homens por um amor desordenado às coisas transitórias e vãs. O terceiro é a vaidade da mortalidade, que está nos corpos humanos por suas penas.



12. Eloquentiae munia.

Dixit quidam eloquens et verum dixit, ita dicere debere eloquentem, ut doceat, ut delectet, ut flectat (S. AUGUST. lib. IV De doct. Christ., cap. 14) . Demum addidit: Docere necessitatis est, delectare suavitatis, flectere victoriae. Horum trium quod primo loco positum est, hoc est docendi necessitas in rebus est constituta quas dicimus, reliqua duo in modo quo dicimus. Qui ergo dicendo ntitur persuadere quod bonum est, nihil horum spernens, ut scilicet doceat, ut delectet, ut flectat; oret atque agat ut intelligenter, ut libenter, ut obedienter audiatur. Quod cum apte et convenienter fit non immerito eloquens dici potest, etsi non eum sequatur auditoris assensus. Ad haec tria, id est ut doceat, ut delectet, ut flectat, etiam tria illa videtur pertinere voluisse idem ipse Romani auctor eloquii, cum itidem dicit: Is igitur erit eloquens, qui poterit parva submisse, modica temperate, magna granditer dicere. Discat quidem omnia quae docenda sunt qui et nosse vult, et docere, facultatemque dicendi ut decet virum ecclesiasticum comparet. Qui vero dicit cum docere vult, quandiu non intelligitur; nondum se existimet dixisse quod vult, ei quem vult docere; quia, etsi dixit quod ipse intelligit, nondum ipsi dixisse putandus est a quo intellectus non est. Si vero intellectus est, quocunque modo dixerit, dixit. Divinarum igitur debet Scripturarum doctor et defensor rectae fidei, et debellator erroris, et bona docere, atque in hoc opere sermonis conciliare aversos, remissos erigere, nescientibus quid agitur, quid exspectare debeant intimare. Ubi autem benivolos, intentos, dociles aut invenerit, aut ipse fecerit, caetera peragenda sunt, sicut causa postulat. Si docendi sunt qui audiunt, narratione faciendum est; si tamen indigeat ut res de qua agitur innotescat. Ut autem quae dubia sunt certa fiant; documentis adhibitis ratiocinandum est.

0880B

0880C

0880D

12. As obrigações da eloquência

Agostinho, famoso por sua eloquência, disse com propriedade que o homem eloquente deve aprender a falar de tal modo que ensine, que deleite e que persuada. A isto acrescentou que é necessário o ensinar, que é suave o deleitar, e que é vitorioso o persuadir.

Dentre estas três coisas, a primeira — ou seja, o ensino necessário — é constituída por aquilo que dizemos e as demais pelo modo como dizemos. Sendo assim, quem se esforça em persuadir o que é bom quando fala, não pode desprezar nenhum destes aspectos: ensinar, deleitar e submeter, rezando e agindo para que seja ouvido pelas inteligências dos homens obedientes e de boa vontade.

Quando estiver ciente disto, mesmo que o ouvinte não o siga, se o fizer de forma apropriada e conveniente, será dito eloquente por seu mérito. O próprio Agostinho quis que pertencessem outras três coisas à educação, ao prazer e à submissão quando disse algo parecido: “É eloquente quem pode dizer coisas simples humildemente, coisas moderadas moderadamente e coisas grandes elevadamente”.

Sendo assim, quem quiser saber e ensinar deve aprender tudo o que deve ser ensinado e adquirir a capacidade de dizer tudo como convém a um homem de Igreja. Por outro lado, quem quiser ensinar e por vezes não se faz entender, não deve julgar ter dito aquilo que queria, porque mesmo que quem disse o tenha entendido, não será assim considerado por quem quis ensinar. Mas se for entendido, independente da forma com que tenha dito, o disse.

Deve, portanto, o doutor das divinas Escrituras ser um defensor da verdadeira fé, lutar contra os erros, e ensinar o bem. Neste trabalho, deve pregar, e conciliar as coisas adversas, para levantar os indolentes e ensinar os ignorantes sobre como devem agir e o que esperar. Onde encontrar ou ele próprio formar homens de boa vontade, diligentes e dóceis, deve completar todo o resto de acordo com o que a causa exija. Para ensinar os ouvintes, deve utilizar-se da narração. Mas, se a matéria de que trata precisar ser claramente conhecida, para que as coisas duvidosas passem a ser certas, é importante raciocinar a partir dos documentos utilizados.



Et Marcus Tullius ait: Thesaurus est omnium rerum memoria, quae nisi custos cogitatis inventisque rebus et verbis adhibeatur; intelligimus omnia, etiamsi praecitate fuerint, in oratore peritura. Non habemus alia eius pracepta nisi discendi exercitationem et scribendi usum et cogitandi studium et de ebrietate cavenda, quae omnibus bonis studiis nocet et menti adimit integratatem.

E Cícero diz: A memória é onde guardamos tudo o que há de mais valioso; é um guardião que é usado para as coisas e palavras que pensamos e descobrimos. Assim entendemos tudo, mesmo que a decadência no orador seja evidente. Não temos outros preceitos a não ser e exercitar-se em aprender, vontade de pensar, e evitar o que nos inebria e que é tão nocivo aos bons estudos e a integridade da mente.



✉ instituto.hsv Ⓛ institutohsv

contato@hugodesaovitor.org.br

www.hugodesaovitor.org.br

